



POR UMA GEOGRAFIA DO HABITAR: ENSAIO SOBRE LARES E LUGARES

FOR A GEOGRAPHY OF DWELLING: ESSAY ON HOMES AND PLACES

POUR UNE GÉOGRAPHIE D'HABITER: ESSAI SUR CHEZ-SOI ET LIEUX

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior – Universidade Federal de Goiás – Goiânia – Goiás – Brasil

carlosroberto2094@gmail.com

Resumo

Como elemento que possibilita a significação humana do espaço, o habitar é um componente relevante para a compreensão da realidade geográfica. Na abordagem da Geografia Humanista e Cultural, tem-se refletido como mundo e sujeito se encontram na construção dos lares. Essa discussão é propiciada pela intencionalidade de entender as experiências espaciais como todos complexos dotadas de nuances em suas micro e macro escalas. Visa-se, destarte, desvelar as maneiras pelas quais o habitar fundamenta a abordagem fenomenológica do conceito de lugar. Por meio de uma construção ensaística-bibliográfica, articulam-se elementos da filosofia do habitar com as referências geográficas acerca do sujeito-lugar. Entende-se que pela potencialidade relacional do ser-no-mundo, a Terra é transformada. A experiência articula a geograficidade que perpassa pelo arquitetar de lugares no mundo. O habitar, portanto, é a necessidade ontológica que direciona os processos de fazer-lugar. Os lares são construções que corporificam as vontades e desejos dos seres humanos em criar espaços e afirmarem suas presenças como agentes ativos na realidade geográfica.

Palavras-chave: Ser-no-mundo. Experiência. Geografia Humanista e Cultural. Mundo.

Abstract

As an element that allows the human signification of space, dwelling is a relevant component to the comprehension of geographical reality. On the Cultural and Humanist Geography approach, there is an ongoing reflection about how world and subject encounter each other on home building. This discussion follows the intentionality of understanding spatial experiences as complete wholes with nuanced micro and macro scales. It is intended to unravel ways by which the dwelling fundamentals the phenomenological approach to place's concept. By the means of a bibliographical essay, philosophical elements of dwelling are articulated with geographical references about subject-place. It is understood that the relational potentiality of being-in-the-world is the means through which Earth is transformed. Experience articulates the geographicity that follows the construction of places in the world. Dwelling, in this sense, is the ontological necessity that directs the place-making processes. Homes are built environments that embodies human beings' wills and desires to create spaces and affirm presences as active agents in geographical realities.

Keywords: Being-in-the-world. Experience. Humanist and Cultural Geography. World.

Résumé

L'habiter est un élément qui permet la signification humaine de l'espace. D'ailleurs il est un composant pertinent pour la compréhension de la réalité géographique. Dans l'approche du Géographie Culturelle et Humaniste on a bien discuté sur la façon dans laquelle le monde et le sujet se rencontrent pour le domaine de la construction du chez-soi. Cette discussion est fournie pour l'intentionnalité de la compréhension des expériences spatiales comme ensembles complexes ses nuances en micro et macro échelles. Il est destiné à démêler les manières dont l'habiter dans les approches phénoménologiques du concept de lieu. Par le moyen d'une rédaction d'essai ont été articulés éléments de la philosophie de l'habitation avec des références géographiques sur le sujet-lieu. On comprend que la potentialité relationnelle de être-au-monde est la voie par

lequelle la Terre est transformée. L'expérience articule la géographicit  que suit l'élaboration de lieux dans le monde. Habiter, dans c'est sens, est la nécessité ontologique qui amène le proces du faire-lieu. Les maisons sont bâtiments qui incarnent la volonté et les désirs des êtres humains de créer ses espaces et d'affirmer sa présence comme agents actifs dans la réalité géographique.

Mots-cl :  tre-au-monde. Expérience. Géographie Humaniste et Culturelle. Monde.

Apontamentos iniciais

Como ciência que trata das espacialidades, a Geografia contemporânea tem continuamente se preocupado com temas de variadas escalas. No que concerne aos sentidos dos espaços no ótimo, doméstico ou *micro*, as reflexões sobre o conceito de lugar são férteis caminhos. Desde a menor abrangência do corpo até suas relações que se dimensionam pela casa e seus arredores, permanecem *terrae incognitae* a serem exploradas, como discorreu Wright (1947).

Pensar e desvelar os nexos sociais nesse nível de análise implica em compreender fen menos complexos que se situam em densas redes de sentido. Decifrar as lógicas desses lugares, como Duncan (1985, p.136) propõe, é importante porque "attitudes toward the house both flow from and reinforce the central structuring relations of a society"¹. Os nexos afetivos que compõem o habitar, desse modo, são importantes fatores para a compreensão da espacialidade humana.

Se, como pondera Dardel (2011, p. 2), "o conhecimento geográfico tem por objetivo esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino", cabe aos geógrafos interpretar aquilo que emerge dessa relação primal do sujeito com o mundo. Nesse contexto, problematizar o conceito de lugar por meio de sua origem ontológica no habitar pode ampliar os horizontes da ciência geográfica.

É por ser-no-mundo que os sujeitos formam conexões relevantes que transformam o espaço em lugar. Há um relevante centro experi ncial que situa o dever da geograficidade dos fen menos que envolvem a ocupação humana da Terra. Como indica Dardel (2011),   possível conformar uma Geografia que possa compreender essa teia de significados que perpassam a existência em sua carnalidade. Destarte, questiona-se: de que modo o habitar fundamenta a abordagem fenomenológica do conceito de lugar?

Para tanto, foi efetivada uma aproximação focalizada na Geografia Humanista e Cultural, particularmente em dialogia com a fenomenologia

existencialista de Merleau-Ponty (2011, 2013, 2014). Na condição de ensaio teórico-bibliográfico, visou-se articular os elementos presentes na filosofia acerca do habitar com aqueles nas referências geográficas sobre o conceito de lugar.

O texto é estruturado em três partes. A primeira, *Imaginários e fenomenologias do lugar*, aborda como lugar e sujeito se conectam fenomenologicamente. A segunda, *Ser-no-mundo nas tramas do lugar*, abarca dinâmicas da percepção no cosmo do lar. A última, *Corpos e percursos para habitar o lugar*, tem por objetivo compreender as maneiras em que o sentido de habitar possibilita ontologicamente as experiências humanas de lugar.

Imaginários e fenomenologias do lugar

nos estudos geográficos, as preocupações com as relações entre sociedade e natureza variam de maneira diversa em escala e escopo. No campo da Geografia Cultural, as análises tendem a focar em comunidades ou lugares. Isso decorre de uma necessidade inerente desses estudos em abarcar lógicas sociais comunitárias. Em um nível mais amplo, Bocco e Urquijo ponderam que:

en años recientes ha surgido una conceptualización derivada de la geografía e influida por la fenomenología, en la cual ‘el medio’ no se define como *un objeto* sino como una *relación* entre la sociedad y sus espacios. De esta forma, el conjunto de los ambientes de la Tierra constituyen la *ecumene* (Bocco; Urquijo, 2010, p.266)².

Para além da dicotomia *sujeito-objeto*, a apreensão fenomenológica centra-se na dimensão experiencial da existência. É por esse nexo que encaminha-se a necessidade de uma concepção que vise imergir em aspectos relacionais que possam desvelar microdinâmicas dos ambientes da Terra. As contribuições da abordagem humanista e cultural têm, como apontam os autores (Bocco; Urquijo, 2010), possibilitado esse horizonte para a ciência geográfica.

Pelo seu foco no imaginário e na representação, a Geografia Cultural explora maneiras de compreender como as pessoas vivem e pensam os espaços onde estão inseridas. Isso significa, como afirma Cosgrove (2012, p. 107), que “ao enfatizarmos a imaginação como elemento central no

trabalho da geografia cultural, pretendemos abordar mais do que aqueles elementos resultantes das relações entre o homem e o mundo natural”. Práticas sociais, políticas e culturais plasmam conjuntamente a situação geográfica e ambiental em que os grupos estão inseridos e clamam pelo olhar atento do geógrafo.

Seamon (1979, p.15) propõe que “Geography is the study of the Earth as the dwellingplace of man. It seeks to understand a person’s life in relation to the places, spaces and environments which in sum comprise his or her *geographical world*”³. Implícito a afirmação do autor situa-se a compreensão de que há geograficidade no fenômeno da reprodução da vida cotidiana em sua escala (inter)subjetiva.

Decorre, como pondera Dardel (2011, p. 6) do fato de que “a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social”. Como Cosgrove (2012) e Seamon (1979), Dardel (2011) indica a condição intrinsecamente espacial da vida humana, cuja provoca a imaginação a formular *mundos geográficos* que sejam reflexo e resultados de suas vivências.

Ao *animar* a realidade geográfica, percepções e sentidos culturais, econômicos, políticos, sociais e ambientais mesclam-se em representações. Elas indicam como os grupos e sujeitos sociais estão relacionados ao meio em que se inserem. Longe de ser algo desconectado ou diferente da realidade, a imaginação, para Merleau-Ponty (2011) e Bachelard (2008), abarca essa situação experiencial.

Por meio de geografias que compreendam as terras incógnitas do imaginário, como afirmaria Wright (1947), emergem tramas para navegar pelas diferentes feições das espacialidades. Azevedo (2007, p.38) destaca que “representando a intersecção entre espaço material e imaginário, as geografias imaginativas usufruem paralelamente do estatuto de ficções e de realidade concreta”. Nesse ponto de contato, os mundos de vida dos sujeitos sobrepõe-se de modo a borrar fronteiras entre *ficção* e *realidade* nas produções humanas acerca dos espaços onde estão inseridos.

Fenomenologicamente, a experiência é o núcleo significativo pelo qual o devir conforma seus sentidos. Na abordagem geográfica, o conceito de lugar visa explicar essa circunstância em sua espacialidade. É importante ressaltar, como ponderam Adams, Hoelscher e Till (2001, p.xviii), “the interdisciplinary nature of place’s scholarly renaissance

is critical, for it suggests something much more expansive and vital than merely an updating of traditional regional geography or simply an extension of humanism”⁴. O retorno conceitual ao lugar indica aproximações com a abordagem *relacional* da qual apontam Bocco e Urquijo (2010).

Figueroa (2013, p.26) discorre que “los *lugares* refieren a las prácticas que allí se realizan, pero también a cuestiones de orden *imaginario*, articulando de esta forma una función instrumental a un orden simbólico, y a la inversa”⁵. Por meio da vivência dos sujeitos, dessa geografia imaginativa do cotidiano (Azevedo, 2007), se confundem os elementos *funcionais*, *simbólicos* ou *emotivos* que estão incorporados na vivência de lugar.

É a relação inseparável com o sujeito que nele vive que transmuta o lugar em *locus* relevante da experiência humana de habitar *a e na* Terra. Coates e Seamon (1984, p.6) colaboram com esse sentido ao salientarem que “place crystallizes and focuses one essential aspect of human existence: the inescapable requirement to always be somewhere”⁶. Há um encadeamento recíproco formado pela existência do ser no limiar entre como imagina e vive os espaços, de modo a dota-los de significados e sentidos.

É necessário compreender que “a coisa vivida não é reconhecida ou construída a partir dos dados dos sentidos, mas se oferece desde o início como o centro de onde estes se irradiam” (Merleau-Ponty, 2013, p.134). Ao mesmo tempo em que o sujeito projeta seu imaginário sobre o lugar, a realidade geográfica também fornece o *quale* original por onde a *Gestalt* experiencial é substanciada.

A experiência de habitar, portanto, deriva dessa confiança da Terra no sujeito e dos devaneios do habitante. A associação desses componentes permite que a presença terrestre tenha significado em seus mundos. Como postula Dardel, para pensar um projeto fenomenológico de Geografia é fundamental considerar que “uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*geógraficité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (Dardel, 2011, p.1). A perspectiva reforça a condição espacial da existência humana, que provoca os sujeitos a darem sentidos à espacialidade por eles vivenciadas.

Se, como Gratão (2016, p.154), “vislumbramos caminhos que nos (en) levam ao fazer uma geografia que se pensa, experiência e sonha; que se cria

e recria colocando-nos no mundo”, é essencial buscar trilhas para expor as vísceras relacionais do habitar a terra. Discorrer sobre as condições existenciais do habitar, de modo a compreender seus imbricamentos imaginários e imaginativos, converge diretamente com as virtualidades explorativas dos centros irradiativos dos sentidos da coisa vivida.

É nos caminhos *dessa* geograficidade, *desse* campo relacional primal e concreto que o lugar ressalta o cosmos do habitar. Segundo Larsen e Johnson (2012, p.633) “place is how the world presents itself; that is to say, being inevitably requires a place, a situation, for its disclosure”⁷. Sujeito e lugar, indissociáveis na condição de *ser*, agrupam-se nos horizontes dos mundos de vida.

Bachelard (2008, p.62) sintetiza que “o espaço habitado transcende o espaço geométrico”, ele comporta devaneios, sonhos e vontades que são projetados pelo sujeito. Habitar e habitante conduzem uma dinâmica em que diferentes experiências se plasman. Essa relação complexa abrange vivências que propiciam maneiras específicas de conformar a existência nos lugares.

Para além da circunstancialidade de simples substrato espacial “place cannot be reduced to sheer position in objective space”⁸ (Casey, 1998, p.231). O fenômeno de lugar, como desdobramento ontológico do habitar, expressa uma condição *essencial* da *Gestalt*. Como cosmo ou universo em si mesmo, sujeito-lugar compõem rede nexos que (re) significam o espaço geométrico ou objetivo.

Isso implica reconhecer, como Abram (1996, p.56), que “each thing, each phenomenon, has the power to reach us and to influence us. Every phenomenon, in other words, is potentially expressive”⁹. Experiência é evocada para e por meio da expressividade dos fenômenos que a atravessam. A retroalimentação contínua propiciada pela articulação *para-si* (sujeito) e *em-si* (espaço) provoca a eclosão de uma geograficidade que ocasiona-se na existência.

É esse alcance fenomenológico que faz eclodir no habitar um cosmo denso. Dardel (2011, p.41) discorre que “habitar uma terra, isso é, em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade”. Essa condição de confiança na Terra conduz o ser humano a explorá-la materialmente e imaginativamente. Ela é *base e destino* por onde são arquitetados os lugares da vida.

Larson e Johnson (2012, p.641) ressaltam essa perspectiva ao apontar que “cognition, existence, and, indeed, all things present first depend on place as the situated but universal happening, or disclosure, required for the world-natural and human-to appear. Place does more than bridge; it grounds”¹⁰. O embasamento no cosmo experiencial suscita a imaginação humana a construir relações emotivas com os espaços.

Dardel (2011), Larsen e Johnson (2012), Cosgrove (2012) e Seamon (1979) indicam que imaginar e habitar estão justapostos no fenômeno de lugar. Há um solo, uma *terra*, em que o ser constrói suas casas, vilas ou cidades; onde os projetos de vida se misturam a esse embasamento espacial. O sujeito cria seu mundo de vida em reversibilidade ao espaço habitado, a essa *realidade geográfica* fundante.

Abram (1996, p.129) suscita que “the ground is much more resolute in its concealment of what lies beneath it. It is this resoluteness, this refusal of access to what lies beneath the ground, that enables the ground to solidly support all those phenomena that move or dwell upon its surface”¹¹. É tal solidez resoluto da *terra*, na condição de elemento sobre o qual o ser constrói seu habitar, que desperta a imaginação geográfica. A *terra* embasa os modos de emergência do sujeito-lugar no mundo.

Como constructo intersubjetivo, o habitar indica a situação ontológica da *Gestalt* em que o ser se faz na condição de sujeito ativo. É pelo sentir, como pontua Merleau-Ponty (2011), que há a comunicação vital que torna o mundo presente como um lugar familiar para a experiência. Essa convergência virtualiza efetivamente a sobreposição de subjetividades em espécie de cosmo comum aos sujeitos. Geograficamente, alude que:

The affinity for place lies in the attunement to and understanding of ontological situatedness, a mode of being that discloses the constant mutability of the world, the sense of self as exceeding its own boundaries, and the compassion intrinsic to grounded social and ecological relationships (Larsen; Johnson, 2012, p.640)¹².

O lugar é contexto situacional e relacional que pauta a ontologia do habitar na mutabilidade do mundo fenomênico. É na espacialidade originária da *geograficidade* que emerge o sentido que faz com que o ‘eu’ isolado vivencie sua existência como ser social imerso em ambiente intersubjetivo. A *terra* reúne, converge e evoca o habitar ao ser a trama relacional da espacialidade humana.

O sujeito, ativo e condicionado a sua relação com o mundo, significa os espaços de sua existência de modo a dar sentido para sua situação geográfica. Isso resulta na constatação de que “em qualquer lugar onde haja seres humanos haverá o *lar* de alguém – com todo significado afetivo da palavra” (Tuan, 2012, p.162). A essência do lar, como relação emotivo-funcional, é a matriz do habitar.

É relevante a provocação de Seamon (1979, p.71) de que “at-homeness is a prime root of personal and societal strength and growth. It may have a major role in fostering community”¹³. Ainda que relacione-se a uma escala do íntimo, o *lar* é arquitetado coletivamente. As condições sociais e ambientais em que as casas são construídas, por exemplo, são fundamentais para a forma como vizinhanças ou comunidades se organizam nos lugares. Aquilo que é desejável ou não em um âmbito doméstico, como situam Tuan (2013) e Duncan (1985), varia entre diferentes culturas.

Isso ocorre, de acordo com Staszak (2001, p.344), pois “l’espace domestique est *anthropique*. Au-delà de la grande variété des modes de construction, des techniques plus ou moins complexes, l’espace domestique demande un aménagement”¹⁴. O habitar, na escala do lugar, é uma negociação constante. No amplo escopo de modos de ordenamento espacial, conflui a intencionalidade de transformar a realidade geográfica em algo familiar.

Ser-no-mundo nas tramas do lugar

Habitar transcende a situacionalidade do espaço objetivo e se institui como fenômeno que desdobra as emergências do lugar. Ainda que intersubjetivo, abarca os nexos íntimos do sonhar daqueles que nele vivem. É por meio dessa possibilidade de estabelecer um microcosmo no nexo do lugar que a experiência espacial sentidos no mundo.

Relph (1976, p.39) suscita que “home is not just the house you happen to live in, it is not something that can be anywhere, that can be exchanged, but an irreplaceable centre of significance”¹⁵. O *lar*, e por consequência o espaço doméstico, extrapola os muros da casa. Ele se estende como nodo significante que é referencial para outras relações espaciais.

Há uma importante relevância espacial do entrelaçamento humano ao lar. No contexto dessa geograficidade originária, nascem sentidos que podem colaborar ao objetivo de decifrar aspectos da realidade geográfica. Como disserta Collignon (2010, p.208) os espaços domésticos, “al mostrar desde esos interiores cómo evolucionan las normas y los valores imperceptiblemente, se contribuye a revelar todo el valor de lo cotidiano para los análisis geográficos”¹⁶. Esse nível analítico, logo, propicia um olhar que pode explorar as entranhas do vivido.

Como sustenta Marandola Jr (2014, p.230), “lugar se refere à mundanidade de nosso cotidiano, e por isso, ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência”. Ao explorar os corredores, portas e janelas de uma casa estão-se a desvelar um cotidiano dotado de objetos, ordenamentos e sentidos construídos por aqueles que habitam o lugar.

Como *ser-no-mundo*, o sujeito cria articulações significantes para lidar com sua existência. No devir inerente a condição relacional sujeito-lugar, o componente ontológico possibilita a emergência de texturas experienciais que conformam maneiras de vir a ser. Esse campo *gestáltico* revela que:

En réalité, l'être-au-monde ne vit pas son espace domestique, il l'habite. Ce chez-soi devient alors phénoménologiquement et ontologiquement un là. Ce là est toujours inhérent à la disposition corporelle de l'être-au-monde de se trouver à proximité des choses, des lieux, des êtres par ses pensées, ses récits et ses pratiques (Hoyaux, 2003, p.5)¹⁷.

Habitar, em transcendência a viver ou morar, implica na corporeidade do ato de estabelecer lugares no mundo. A experiência geográfica consubstancia elementos que conectam tecidos espaço-temporais ao cosmo intersubjetivo da relação humano-*terra*. O fenômeno de lugar é, portanto, inerente a imersão do ser na carnalidade de sua experiência geográfica.

Essa concepção embasa-se no princípio merleau-pontiano de que “o sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece ‘subjetivo’, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito” (Merleau-Ponty, 2011, p. 576). Fenomenologicamente, essa reciprocidade diz respeito ao fato de que toda consciência sempre se encontra operante no mundo (Merleau-Ponty, 2011, 2014).

Por desdobrar do ser-no-mundo, a textura do lugar é gestada pela ontologia do habitar. Para Hoyaux (2003, p.9) “toute appréhension du Monde relève donc bien de la nécessité pour l’être-là de se construire (et de se sécuriser) par cette construction, par la domestication de son monde (au sein du Monde)”¹⁸. A confiança primal na Terra impele o sujeito a *habitá-la* (Dardel, 2011), a *domestica-la*. Construir um lar, seja uma casa ou outra forma de moradia temporária ou permanente, é criar um elo com os microcosmos existenciais.

A realidade geográfica que resiste e evoca a presença humana ganha sentidos íntimos pelo fazer-lugar resultante de sua *domesticação*. Ao promover o ordenamento de uma porção dos seus mundos, o sujeito vincula-se em âmbito intersubjetivo. Para a perspectiva fenomenológica o mundo é resultado e construção relacional ao ser (Merleau-Ponty, 2011), de modo que sua inseparabilidade é baluarte da existência.

Como discorre Tuan (2013, p.49), “quando usamos os termos ‘homem’ e ‘mundo’, não pensamos apenas no homem como um objeto no mundo, ocupando uma pequena parte de seu espaço, mas também no homem habitando o mundo, dirigindo-o e criando-o”. Por meio da consciência intencional que age sobre as coisas, o sujeito, como ser *em-si* e *para-si*, é projetado como potência que faz do lugar uma forma de ontologicamente se afirmar no mundo.

Contudo, Merleau-Ponty (2014, p.121) também problematiza que “o mundo e eu somos um no outro, e do *percipere* ao *percipi* não há anterioridade, mas simultaneidade ou mesmo atraso”. Essa reflexão esboça que ao mesmo tempo que o ser *cria* e *dirige* o mundo, como afirma Tuan (2013), ele também é *resultado* dos mundos onde transcorre sua vida.

Abram (1996) colabora com a construção do arcabouço do filósofo francês ao salientar que “the world that a people experiences and comes to count on is deeply influenced by the ways they live and engage that world”¹⁹ (Abram, 1996, p.34). Os sujeitos também dependem de aspectos desse cosmo em que habitam. Ao fincarem vínculos e raízes na *terra*, o lugar conformado é um somatório de suas experiências e da realidade geográfica.

Corpos e percursos para habitar o lugar

Pelo princípio de que o mundo vivido “se estabelece a partir do corpo humano, o corpo-de-um-sujeito, o corpo que é o próprio sujeito-

como-*cogito*” (Holzer, 2014, p.290), entende-se que o corpo-consciência é o ente que engendra campos relacionais no mundo. Geograficamente, fazer-lugar é corporificar a consciência de modo a encadear o mundo como reatividade dialógica e contínua ao sujeito.

Na condição de que, como ressalta Maldiney (2000, p.60), “reversibility is the very principle of experience. Perceiving, I am in a situation of ‘total part’ open to the entire world”²⁰, sujeito-lugar associam-se pela reversibilidade imanente de sua constituição fenomênica. Estar em situação *no* e *com* o mundo dinamiza os nexos do habitar que conduzem a geograficidade do ser.

É o lar que, de acordo com Hoyaux (2003, p.2), forma a “sécurité ontologique qui permet – au mieux – à l’être-au-monde d’être en sécurité à l’intérieur de son monde et du sens qu’il veut lui assigner pour être”²¹. Mesmo que o universo que se expande para além das fronteiras do cognoscível possa estar fora do controle do corpo-sujeito, ao fazer-lugar é possível estabelecer certa medida de ordenamento.

Na perspectiva de Merleau-Ponty (2011, p.112), “o corpo é o veículo do ser-no-mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. Por meio desse cosmo que existe em sua conexão com a consciência, a realidade geográfica deixa de ser um todo indefinido e transmuta no potencial plasmático do ser. Corporificar o espaço, ou seja – *fazer-lugar, é permitir a abertura ao mundo que se impele em direção ao sujeito*. São as rotinas corpo-espaciais (Seamon, 1979) que resultam do sentido de lugar que compõem a trajetória existencial dessa geografia vivida.

Em sua obra tardia, Husserl (1989, p.41) salientava que “je suis mû charnellement, je roule, je vole”²². A corporeidade movente dinamiza a relação sujeito-lugar, o espaço sobrepuja a *Gestalt* de prisão para a ação humana. Em contato com o corpo, o lugar promove mundanamente situações de reversibilidade ou reciprocidade ao ser que a ele dá sentido.

Entre Merleau-Ponty (2011; 2014) e Husserl (1989) convergem condicionalidade corporal e carnal do habitar ao mundo. Ao conectar as reflexões dos dois fenomenólogos, Abram (1996, p.34) sumariza que “all bodies (including our own) are first located relative to the ground of the earth, whereas the earth itself is not ‘in’ space, since it is earth that, from the first, *provides space*”²³. É por ser *parte da natureza terrestre* que o corpo-consciência, tal qual a *terra*, pode gestar suas próprias formas espaciais.

Lang (1985, p.202) contribui que “the home is the intimate hollow we have carved out of the anonymous, the alien. Everything has been transmuted in the home; things have truly become annexed to our body, and incorporated”²⁴. O vínculo primal carnal expresso pelo lugar-lar, como ente corporificado, é uma necessidade ontológica. O fenômeno de fazer-lugar conduzido pelo habitar traduz o transbordar espacial do ser-do-mundo como presença na realidade geográfica.

Essa reversibilidade corporificada é expressiva pela constatação de que “the lived ways in which physical and built qualities contribute to or undermine the inhabitant-house relationship”²⁵ (Seamon, 1985, p.5). Ao mesmo tempo em que o sujeito corporifica o espaço por meio de sua subjetividade, a intersubjetividade ontológica dos mundos sobrepostos no lar afetam o sujeito. Seu corpo é influenciado pelas mutabilidade em devir no lugar.

Como fazer-lugar, a construção do lar ressalta os trajetos da experiência geográfica daqueles que o arquitetam. Ao encavar suas presenças no mundo, os sujeitos salientam ou omitem àquilo que é relevante para a vida. Na geograficidade dos ecúmenos relacionalmente constituídos, há projetos de mundo(s) coletivamente construídos. Fazer-lugar é parte de um todo maior da experiência humana na Terra.

Se, como Brown e Perkins (1992, p.285) afirmam, “the home often works as an extension of its dwellers – reflecting changes within stability, revealing communal and personal identities”²⁶, há um equilíbrio tênue no âmbito do lar. As experiências subjetivas e intersubjetivas estão em um constante estado de metamorfose. O lugar-lar, na condição da corporeidade, é um todo dinâmico que deve ser explorado por meio desse nexo.

A reversibilidade habitar-habitante é ampliada na relação mundo-sujeito de modo que ambos os pares façam sentido como maneiras de compreender o fazer-lugar. Ao remeter a relação primal com a *terra*, o habitar é fundamento ontológico de ser-no-lugar. Centrado nos vínculos que os sujeitos constroem para significar e corporificar o espaço, o lugar é desdobramento e condição para a existência do corpo-consciência.

Lang (1985, p.202) salienta que “being an initiative of the active body, inhabiting is an intention and not merely a fact of nature; it is not just to be somewhere, to find oneself somewhere, but to *inhabit* a place”²⁷. Como ato intencional o habitar se projeta no cosmo experiencial do mundo para produzir-se como fenômeno existencial.

Desse modo, habitar não é estar em um espaço, mas conscientemente *ser parte desse lugar* no mundo. Para Casey (1998, p.237), “lived place thrives – is first felt and recognized – in the differentiated and disruptive corners, the ‘cuts’, of my bodily being-in-the-world”²⁸. Ter um lugar é existir na situação de agente ativo que corporifica-se e transforma imaginativamente ou materialmente o(s) mundo(s) em que se insere.

Collignon explora essa relação e indica que “la interacción lugar/espacio es una especie de respiración, cuyo ritmo cambia según el momento observado” (Collignon, 2010, p.206)²⁹. Entre o espaço abstrato e o lugar há o corpo-sujeito que é condicionado e condição da origem ontológica da realidade geográfica. Inseparável do anseio do ser-no-mundo, essas terras *incógnitas* suscitam a presença do ser (Wright, 1947). Há, na essência do espaço geográfico, a necessidade humana de fazer sentido para sua própria existência no cosmo.

Tal angústia, por definição, impulsiona os sujeitos a modificarem os meios onde se inserem. Como Berdolay e Entrikin (2014, p.110) propõem “o lugar repousa sobre a ideia de um sujeito ativo que deve, sem cessar, tecer as ligações complexas que lhe dão sua identidade, ao mesmo tempo em que definem suas relações com seu ambiente”. Essa atividade intencional resulta na construção de edificações, mudança de cursos d’água, criação de barreiras ou outras transformações ambientais.

É relevante a ponderação de Murchadha (2015, p.29) ao estabelecer que “a place is only for a being that sojourns with things and in doing so lets them be in a world. To dwell is to build because only in building is the specifically human manner of letting space appear possible”³⁰. O espaço doméstico é, destarte, a corporificação dessa tentativa de resolução da angústia humana quanto a sua pequenez frente ao espaço (in)cognoscível em suas variadas escalas.

Como explica Bachelard (2008, p.24), “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”. Ela é uma construção que reflete aqueles que nela vivem, que se adapta e que corporifica as memórias e experiências dos sujeitos. É um projeto ativo que faz parte da trama do ser-no-mundo como projeto e existência.

Habitar é, portanto, o vínculo de lugar primal que possibilita que os lugares não sejam apenas pontos no espaço. Por meio da condição ativa de produtores de *espacialidades*, os seres humanos transformam suas

relações com o meio e se afirmam no mundo. Consubstanciar formas de adaptar ou fazer-lugar é uma característica que propicia e decorre da natureza de ser-no-mundo.

Considerações finais

O habitar fundamenta a abordagem fenomenológica do conceito de lugar ao propiciar um arcabouço teórico que corporifica a experiência geográfica. O sujeito, como ente espacial, continuamente projeta-se rumo ao mundo de modo a significá-lo. Entre os vínculos que estabelecem, os sujeitos gestam formas de afirmar existencialmente as suas presenças na condição de seres ativos no mundo.

Como corpo-consciência, o ser-no-mundo habita a *Terra* como sua origem e destino primais. É por meio de sua conexão fundamental a ela que cria representações e imaginários. Nas terras onde concebe os lugares da vida, o sujeito busca construir ou modificar elementos para obter certa medida de controle sobre o espaço. Há, por conseguinte, uma necessidade ontológica para o habitar.

As casas e os espaços domésticos são materializações das estruturas fenomênicas que consubstanciam a corporeidade dos lugares. Os lares, portanto, são intercorporeidades dos sujeitos em que sobrepõem-se intencionalidades ativas na realidade geográfica. Eles são formas de apropriação do mundo em que parte do cosmo toma sentido e definição para determinado grupo ou pessoa. Desafiam as sempre presente terras incógnitas que permeiam o campo existencial.

Como um cosmo, cada casa tem sua geograficidade. As experiências humanas travadas no processo de suas construções e usos revelam as vontades e desejos de um sonhar que projeta-se *da e rumo a Terra*. As vilas, cidades e edificações erguidas esboçam a potencialidade criativa do corpo-sujeito que visa materializar suas geografias imaginativas ao ocupar e povoar o espaço.

Geograficidade e lugar conformam um importante arcabouço conceitual que dinamiza o olhar fenomenológico sobre a espacialidade humana. Ao abarcar as maneiras pelas quais os seres humanos são vinculados ao mundo, o lugar ressalta os aspectos relacionais da existência. Nas suas mais variadas escalas, lares se conformam e permanecem como pontos primordiais nas narrativas e vidas das pessoas que neles vivem ou viveram.

Notas

1 “atitudes direcionadas a casa tanto fluem para quanto reforçam a estruturação central das relações de uma sociedade” (Duncan, 1985, p.136, tradução livre).

2 “Tem surgido, nos anos recentes, uma conceituação derivada da geografia e influenciada pela fenomenologia em que ‘o meio’ não é definido como *um objeto*, mas como uma *relação* entre a sociedade e seus espaços. Desta forma, o conjunto dos ambientes da Terra constituem o *ecúmeno*” (Bocco; Urquijo, 2010, p.266, tradução livre).

3 “Geografia é o estudo da Terra como lugar do habitar do homem. Ela intenta compreender a vida de uma pessoa em relação aos lugares, espaços e meios cuja soma é seu mundo *geográfico*” (Seamon, 1979, p.15, tradução livre).

4 “a natureza interdisciplinar da renascença acadêmica do lugar é crítica porque ela sugere algo mais expansiva e vital que meramente uma atualização da geografia regional ou uma simples extensão do humanismo” (Adams; Hoelscher; TILL, 2001, p.xviii).

5 “Os *lugares* referem-se às práticas que nele se realizam, mas também a questões da ordem *imaginária*, articulando dessa forma uma função instrumental a uma ordem simbólica, e seu inverso” (Figueroa, 2013, p.26, tradução livre).

6 “lugar cristaliza e foca em um aspecto essencial da existência humana: a necessidade inescapável de sempre estar em algum local” (Coates; Seamon, 1984, p.6, tradução livre).

7 “lugar é como o mundo se apresenta; isso significa dizer que ser inevitavelmente requer um lugar, uma situação, para sua emergência” (Larsen; Johnson, 2012, p.633, tradução livre).

8 “lugar não pode ser reduzido à pura posição no espaço objetivo” (Casey, 1998, p.231, tradução livre).

9 “cada coisa, cada fenômeno, tem o poder de atingir-nos e influenciar-nos. Todo fenômeno, em outras palavras, é potencialmente expressivo” (Abram, 1996, p.56, tradução livre).

10 “cognição, existência, e, de fato, todas as coisas presentes primeiramente dependem do lugar como um acontecer situado e universal, ou revelado, que é requerido para o mundo – natural e humano – para aparecer. Lugar faz mais que conectar; ele embasa” (Larson; Johnson, 2012, p.641, tradução livre).

11 “o solo é muito mais resolutivo em esconder o que há sob ele. É essa resolutividade, essa recusa ao acesso daquilo que há abaixo do solo que permite que ele solidamente suporte todos esses fenômenos que se movem ou habitam em sua superfície” (Abram, 1996, p.129, tradução livre).

12 “A afinidade pelo lugar está na sintonização para e compreensão da situacionalidade ontológica, um modo de ser que expõe a constante mutabilidade do mundo, o sentido do eu que excede seus próprios limites, e a compaixão intrínseca às relações ecológicas e sociais fundamentadas” (Larsen; Johnson, 2012, p.640).

13 “*at-homeness* é uma raiz primordial do crescimento e força pessoal ou social. Ela pode ter um papel importante em fomentar comunidades” (Seamon, 1979, p.71, tradução livre).

14 “o espaço doméstico é *antrópico*. Para além da grande variedade de modos de construção, técnicas mais ou menos complexas, o espaço doméstico demanda um ordenamento” (Staszak, 2001, p.344, tradução livre).

15 “lar não é apenas a casa em que você vive, não é algo que pode estar em qualquer lugar, que pode ser trocado, mas um centro insubstituível de significância” (Relph, 1976, p.39).

16 “ao mostrar desde como desses interiores as normas e os valores evoluem imperceptivelmente, contribui-se para revelar todo o valor do cotidiano para as análises geográficas” (Collignon, 2010, p.208, tradução livre).

17 “De fato, o ser-no-mundo não vive em seu espaço doméstico, ele o habita. É o lar que se torna fenomenologicamente e ontologicamente um lá. Esse lá é sempre inerente à condição corporificada do ser-no-mundo de se encontrar próximo às coisas, lugares, seres em seus pensamentos, narrativas e práticas” (Hoyaux, 2003, p.5, tradução livre).

18 “toda apreensão do Mundo salienta então a necessidade do ser-aí de construir (e de se assegurar) por essa construção, de domesticar o seu mundo (no seio do Mundo)” (Hoyaux, 2003, p.9, tradução livre).

19 “o mundo que um povo experiencia e passa a depender de é profundamente influenciado pelas maneiras que os sujeitos vivem e engajam com tal mundo” (Abram, 1996, p.34, tradução livre).

20 “reversibilidade é o próprio princípio da experiência. Percebendo, eu estou em situação com uma ‘parte total’ aberta para o mundo todo” (Maldiney, 2000, p.60, tradução livre).

21 “segurança ontológica que permite – na melhor circunstância – que o ser-no-mundo esteja seguro no interior de seu mundo e do sentido que ele venha a dispor” (Hoyaux, 2003, p.2, tradução livre).

22 “movo-me carnalmente, eu rolo, eu voo” (Husserl, 1989, p. 41, tradução livre).

23 “*todos* corpos (incluindo o nosso) se localizam primeiramente em função do solo terrestre, enquanto a terra ela mesma não está ‘no’ espaço porque é a própria terra que inicialmente *provê* o espaço” (Abram, 1996, p.34, tradução livre).

24 “O lar é a cavidade íntima que escavamos no anônimo, no que é estranho. Tudo foi transmutado no lar; as coisas realmente se tornam anexadas ao nosso corpo e são incorporadas” (Lang, 1985, p.202, tradução livre).

25 “as formas vividas das qualidades físicas e construídas contribuem para ou minam o relacionamento habitante-casa” (Seamon, 1985, p.5, tradução livre).

26 “o lar costuma funcionar como uma extensão de seus habitantes – refletindo mudanças na estabilidade, revelando identidades pessoais e comunitárias” (Brown; PERKINS, 1992, p.285, tradução livre).

27 “sendo uma iniciativa do corpo ativo, habitar é uma intenção e não apenas um fato da natureza; não é apenas estar em algum lugar; se encontrar em um local, mas *habitar* um lugar” (Lang, 1985, p.202, tradução livre).

28 “lugar vivido floresce – é primeiro sentido e reconhecido – nos cantos diferenciados e irruptivos, as ‘fatias’, do meu ser-no-mundo corporificado” (Casey, 1998, p.237, tradução livre).

29 “a interação lugar/espço é uma espécie de respiração cujo ritmo muda segundo o momento observado” (Collignon, 2010, p.206, tradução livre).

30 “um lugar apenas o é para um ser que reside com as coisas e que ao fazer isso permite-as existirem no mundo. Habitar é construir porque apenas na construção há uma maneira especificamente humana de fazer o espaço parecer possível” (Murchadha, 2015, p.29, tradução livre).

Referências

ABRAM, D. *The spell of the sensuous: perception and language in a more-than-human world*. New York: Vintage Books, 1996.

ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. Place in Context: Rethinking humanist geographies. In: ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (Orgs.) *Textures of place: exploring humanist geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. p.xiii-xxxiii.

AZEVEDO, A. F. Geografias pós-coloniais: contestação e renegociação dos mundos culturais num presente pós-colonial. In: PIMENTA, J. R.; SARMENTO, J.; AZEVEDO, A. F. (Org.) *Geografias pós-coloniais: Ensaio de geografia cultural*. Figueirinhas: Lisboa, 2007. p.31-69.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERDOULAY, V. ; ENTRIKIN, J. N. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JR., E; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.) *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014, p.93-116.

BOCCO, G.; URQUIJO, P. La geografia ambiental como ciência social. In: VILLORIA, A. L.; HIERNAUX-NICOLAS, D. (Org.) *Giros de la geografía humana: desafíos y horizontes*. Anthropos: Barcelona, 2010. p.259-270.

BROWN, B. B.; PERKINS, D. D. Disruptions in place attachment. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (Orgs.) *Place Attachment*. New York: Plenum Press, 1992, p.279-304.

CASEY, E. S. *The Fate of place: a philosophical history*. Berkley: University of California Press, 1998.

COATES, G. J.; SEAMON, D. Towards a Phenomenology of Place and Place-Making: Interpreting Landscape, Lifeworld and Aesthetics”. *Oz*, v.6, n.1, p.6-9, 1984. Disponível em: <<https://newprairiepress.org/oz/vol6/iss1/3/>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

COLLIGNON, B. De las virtudes de los espacios domésticos para la Geografía humana. In: LINDÓN, A.; HIERNAUX, D. (Org.) *Los giros de la Geografía Humana: Desafíos y horizontes*. Rubí: Barcelona, 2010. p.201-215.

COSGROVE, D. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Geografia Cultural: Uma Antologia* (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 105-118.

DARDEL, E. *O Homem e a Terra*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUNCAN, J. S. The house as a symbol of social structure: notes on the language of objects among collectivistic groups. In: ALMAN, I. ; WERNER, C. M. (Orgs.) *Human behavior and environment: advances in theory and research*. New York: Springer, 1985. p.133-152.

FIGUEROA, A. V. *Etnografía de los lugares: una guía antropológica para estudiar su concreta complejidad*. Ediciones Navarra: Ciudad del México, 2013.

GRATÃO, L. H. B. O direito de sonhar em Geografia: Projeção Bachelardiana. *Revista da Abordagem Gestáltica*. v. 22, n.2, p.148-155, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672016000200006>, Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

LARSEN, S. C.; JOHNSON, J. T. Toward an open sense of place: Phenomenology, affinity, and the question of being. *Annals of the Association of American Geographers*, v.102, n.3, p.632-646, 2012. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00045608.2011.600196>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (Org.) *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014.

HOYAUX, A. De l'espace domestique au monde domestique: Point de vue phénoménologique sur l'habitation. In: CROLLINGNON, B.; STASZAK, J. (Org.) *Espaces domestiques: Construire, habiter, représenter*. Paris: Editions Bréal, 2003. p. 1-12.

HUSSERL, E. *La terre ne se meut pas*. Paris: Les éditions de Minuit, 1989.

LANG, R. The dwelling door: towards a phenomenology of transition. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Org.) *Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world*. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p.201-214.

MALDINEY, R. Flesh and Verb in the philosophy of Merleau-Ponty. In: EVANS, F.; LAWLOR, L. (Org.) *Chiasms: Merleau-Ponty's notion of flesh*. New York: SUNY, 2000, p.51-70.

MARANDOLA JR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (Org.) *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014. p.227-247.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MURCHADHA, F. Ó. Space, Time and the Articulation of a place in the world: the philosophical context. In: RICHARDSON, B. (Org.) *Spatiality and symbolic expression: on the links between Place and Culture*. New York: Paulgrave macmillan, 2015. p.21-40.

RELPH, E. *Place and placelessness*. London : Pion Limited, 1976.

SEAMON, D. A Geography of the lifeworld: movement, rest and encounter. London: Croom Helm, 1979.


SEAMON, D. Reconciling old and new worlds: the dwelling-journey relationship as portrayed in Vilhelm Moberg's 'Emigrant' novels. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Org.) Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985. p.227-246.

STASZAK, J. L'espace domestique: por une géographie de l'intérieur. Annales de Géographie, v. 110, n°620, p.339-363, 2001. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_2001_num_110_620_1729>. Acesso em: 14 fev. 2019.

TUAN, Y. Topofilia. Londrina: EdUel, 2012.

TUAN, Y. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Londrina: EdUel, 2013.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. Annals of the Association of American Geographers, v.37, p.01-15, 1947. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2561211>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior – É Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e Doutorando em Geografia pela mesma instituição. É membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (LABOTER/IESA/UFG) e do Laboratório de Geografia Cultural (LAGECULT/IG/UFU).  <https://orcid.org/0000-0003-2630-657X>

Recebido para publicação em 28 de abril de 2019

Aceito para publicação em 23 de junho de 2019

Publicado em 15 de agosto de 2019